



**“CAÇADAS DE PEDRINHO” O DISCURSO ATUALIZADO
DAS TENDÊNCIAS ÉTNICAS BRASILEIRAS**

Nancy A. Arakaki

Instituição: IP-PUC/SP - Faculdade Sumaré

nancy.arakaki@terra.com.br

Isaiás Santos

Instituição: Faculdade Sumaré

isagavea@gmail.com

RESUMO:

A discussão contextualizada que ora apresentamos sobre “Caçadas de Pedrinho, de Monteiro Lobato” fundamenta-se nos conceitos teóricos de Koerner (1987, 1996) os quais apontam a relevância de traçar o “clima de opinião” da época em que o autor viveu e criou sua obra. Isto porque o discurso do autor é social e fortemente marcado por sua visão ideológica (Bakhtin, 1998). Lobato instiga o leitor a dialogar com suas personagens a partir das peripécias no Sítio do Pica Pau Amarelo. É nesse ambiente que ressoa a voz de Tia Nastácia configurando a minoria brasileira marcada por diferenças étnicas e culturais.

PALAVRAS CHAVE: Literatura Infantil; Linguagem; Discurso; Cultura; Etnia.

As obras de Monteiro Lobato inserem-se na Literatura Infantil cujos enredos revelam a cultura brasileira com enfoque ao sistema geopolítico e econômico de sua época. É sob essa perspectiva histórica e cultural que pretendemos realizar uma leitura de “Caçadas de Pedrinho”, publicada em 1933. Obra na qual o autor concede aos mais frágeis indivíduos da sociedade brasileira: o afrodescendente – recém saído do jugo de um sistema escravocrata - e a criança, a voz que lhes era negada numa sociedade aristocrata e patriarcal. É neste contexto e por meio das peripécias das crianças no sítio de Dona Benta que Lobato confere às suas personagens tomada de decisões e juízos de valor e, para além disto, elas seguem “uma moral de situação na qual a liberdade é o grande valor” (Cademartori, 2010). São esses seres frágeis e marginalizados que denunciam a segregação social e apontam um novo estilo social de integração que, na diversidade de etnias e de culturas, formam a nação brasileira.

Assim, postulamos que a obra literária deva ser (re)vista sob duas vertentes: a primeira é considerar o período histórico, social e político em que foi produzida (Koerner, 1987, 1996) e, a segunda, considerar que todo discurso é por natureza ideológico (Bakhtin, 1998), pois a leitura das obras de Lobato possibilita uma nova experiência da realidade em que, ao mesmo tempo que são conservadas as vivências já adquiridas, antecipam-se possibilidades a serem experimentadas. (Cademartori, 2010)

Embasados nos conceitos teóricos de Koerner (1996), a leitura crítica de uma obra requer um estudo sistematizado em que se considerem três princípios: da contextualização, da imanência e da adequação. A leitura requer ainda estabelecer o “clima de opinião” da época em que o autor viveu produziu sua obra.

Atendendo ao princípio da contextualização, é necessário considerarmos que a época em que “Caçadas de Pedrinho” foi produzida, 1933, o Brasil era uma jovem nação recém saída da tutela administrativa de Portugal e do sistema escravocrata. Sendo assim, convivía e mantinha resquícios do período colonial português. É sob tal prisma que Lobato denuncia questões sociais estabelecendo uma forte ligação entre literatura e sociedade.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté e passou sua infância no sítio posteriormente herdado de seu avô. Foi nesse local, na biblioteca particular de seu avô, que teve os primeiros contatos com a literatura clássica. E, posteriormente, transformou o sítio em cenário para suas personagens viverem as peripécias infantis em meio à natureza, aos animais e à família. Ainda hoje, o sítio – Sítio do Pica Pau Amarelo (ou Fazenda Buquira) - pode ser visitado e conhecido o quarto de (Tia) Nastácia, quem cuidou de Lobato durante seus primeiros anos de vida. Lá encontramos uma foto de (Tia) Nastácia com o menino no colo. Tanto assim é – nos possível reconhecer que (Tia) Nastácia era uma integrante da família, uma vez que seus aposentos ficavam na casa grande e não fora dela.

Até onde pesquisamos não nos foi possível atestar a origem de (Tia) Nastácia, no entanto, convém recordar que àquela época, no Brasil, ainda havia “o cheiro da escravidão, havia um costume... as famílias negras, pobres e com muitos filhos, ofereciam às famílias brancas e abastadas, para serem criados e para trabalhar. Assim era a vida.” (Alves, 2010).

Afora esse panorama, Lobato não se restringiu à denúncia de questões sociais, econômicas e políticas apenas na literatura; ele fundou empresas para exploração do ferro e do petróleo uma vez que acreditava ser esse o caminho para a prosperidade econômica do Brasil. Também contribuiu com a fundação de editoras onde publicou obras de expoentes da prosa e da poesia brasileira, dentre eles, Oswald de Andrade. É esse nacionalismo de Lobato, preocupado com a futura nação que suas obras são direcionadas ao leitor, instigando-o à reflexão e ao compromisso de contribuir para o surgimento de um país sem fronteiras étnicas e sociais. Logo, as narrativas de Lobato “criam um mundo que não se constitui em reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e preconceitos da situação histórica em que são produzidas.” (Cademartori, 2010)

Quanto ao princípio da imanência (Koener, 1996), esse exige que o estudioso da obra procure extrair dela o que é relevante, localizando pistas as quais são capazes de revelar a intenção de seu criador. Desse modo, recorremo-nos aos conceitos de Bakhtin (1998) sobre a construção do discurso do autor revelado e refratado no discurso das personagens que funcionam como pano de fundo à ideologia de Lobato, pois as personagens de uma obra literária são figurinhas que “vivem”, movimentam-se e relacionam-se no âmbito de determinado grupo social à semelhança dos seres humanos, entretanto, elas não são reais, mas reproduzem o real sob a visão do autor sustentada por sua visão ideológica de sociedade. (Candido, 1998)

Quanto ao princípio da adequação, este diz respeito ao momento de o estudioso, de forma implícita, aventurar-se a introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e formar um quadro conceitual que permita ao leitor constatar as afinidades de significado que subjazem na obra. Aventuramo-nos então a traçar um quadro do discurso das personagens, em especial, à Tia Nastácia a fim de constatar a denúncia dos costumes sociais e elitizantes da época.

Dona Benta é retratada como a figura capaz de intervir e mudar o rumo da história daqueles que convivem ao seu redor, não obstante ela ocupar o papel destinado à figura masculina. Ela é a dona e a detentora do poder e do discurso institucional, apesar disso, é reconhecida e comparada à Tia Nastácia, a quem é reservado um lugar aquém na escala social, conforme denota o diálogo travado entre Pedrinho, Narizinho e Tia Nastácia, quando o sítio é ameaçado de invasão pelas onças.

- Está louco, Pedrinho? Não sabe que onça é um bicho feroz que come gente?
- Sei sim, como também sei que gente mata onça.
- Isso é gente grande, bobo!
- Gente grande! ... – repetiu o menino com ar de pouco caso. – Vovó e Tia Nastácia são gente grande e no entanto correm até de barata. (...)
- Bem sei que você é valente como um galo garnisé, mas olhe que onça é onça. Com um tapa derruba qualquer caçador – diz Tia Nastácia. (p.12)

Nesse diálogo entre as personagens, o narrador põe-se de lado das questões socioculturais vigentes e coloca na boca das personagens sua ideologia étnica e cultural na medida em que faz as crianças chamarem a criada de Tia e permitir que sua fala demonstre o perfil de uma mulher sábia e de sentimentos semelhantes aos de sua senhora - Dona Benta. Visto por esse ângulo, Tia

Nastácia não é a criada, mas sim, membro dessa família com direito à voz e ao reconhecimento de seu saber: “– Da sua esperteza, Pedrinho. Bem diz Tia Nastácia que você é um alho...” (p.46).

Como aponta Bakhtin (1998), a fala da personagem, ou fala de outrem, quer seja narrada, quer seja arremedada:

Nunca está nitidamente separada do discurso do autor: as fronteiras são intencionalmente frágeis e ambíguas, passam frequentemente por dentro de um único conjunto (...) O autor, as personagens recebem um significado totalmente diferente quando eles são introduzidos como portadores de uma perspectiva ideológica verbal particular, de um ponto de vista peculiar sobre o mundo e os acontecimentos, de apreciações e entonações específicas, tanto no que se refere ao autor, quanto no que se refere à narração, e à linguagem literária.

Esse ponto de vista em que se encontra o narrador/autor ficcional de atribuir significados diferentes e novos àqueles que falam na narrativa ocorre graças à produtividade e à capacidade de o autor real dar às personagens o papel de representantes de um mundo novo e de esclarecer de modo novo uma sociedade ideal em que crianças e pessoas comuns alcancem a possibilidade de refletir a respeito dos padrões vigentes.

O astuto Lobato coloca habilmente Tia Nastácia acima da pequena família que habita o Sítio do Pica Pau Amarelo, retratando-a como uma mulher afável, sábia e corajosa que extrapola os limites socioculturais e étnicos traçados pelas mãos dos detentores do poder.

Duas horas depois avistavam a casa, e viram Dona Benta e Tia Nastácia, muito aflitas, procurando-os pelo pomar. Pedrinho pôs na boca dois dedos e desferiu um célebre assobio que só ele sabia dar. As velhas voltaram-se na direção do som e Tia Nastácia, que tinha melhor vista, enxergou-os logo. (...) O susto de Dona Benta foi o maior da sua vida – tão grande que caiu sentada...
- Nossa Senhora da Aparecida! Esta criança ainda me deixa louca...
Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era mesmo onça e:
- O mundo está perdido, Sinhá – murmurou de mãos postas. – É onça mesmo...
(pp. 19-20)

A consciência de diversidade sociocultural e linguística é demonstrada pelo emprego do termo “Sinhá”, típico da linguagem dos criados ao se dirigirem aos seus senhores; herança do período colonial e escravagista, pois é na/pela linguagem que se reconhecem os papéis e a hierarquia social. De acordo com Bakhtin (1998), “o homem que fala na obra literária é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social e não um dialeto individual”. Suas palavras estão carregadas de significados ideológicos, nesse caso, verificamos que Lobato aspira a uma sociedade brasileira composta de mulheres e de

homens engajados no processo de reformulação social, haja vista que aponta, por meio de sua personagem Tia Nastácia, a habilidade de refletir sobre os conflitos que lhe rodeiam e de se manifestar a respeito propondo sábias soluções.

A razão de Tia Nastácia haver desistido das pernas de pau era que não acreditava muito no tal assalto das onças. “Isso há de ser imaginação dessas crianças”, refletia de si para si. “Os diabretes vivem com a cabeça quente e inventam coisas para atormentar os mais velhos. Não acredito”. (p. 35)

(...) E Tia Nastácia? Essa ficou embaixo rezando e riscando a cara e o peito de trêmulos pelos sinais. Apesar de descrente da vinda das onças, que lhe parecia impossível, começou a sentir um horrível medo. “E se viessem mesmo?”, pensava ela. “E se o tal cheirinho que a boneca sentira no ar fosse mesmo cheiro de onça?” (p.39)

Note que, embora sua personagem Tia Nastácia seja corajosa e afável, o autor não rejeita suas fraquezas nem a peculiaridade da natureza humana de enganar-se e de errar. Tampouco Lobato deixa de lado a conotação de inferioridade social e humana para com os afrodescendentes:

- Treppe no mastro! – gritou-lhe a Cléo.
- Sim, era o único jeito – e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão, pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros. (p.39)

A comparação do afrodescendente com o macaco advém da teoria darwiniana, talvez a mais cruel, no sentido de que compreende o homem não como herdeiro da razão tão aclamada pelos iluministas, mas sim como produto de um processo evolutivo cujos antecedentes advieram da natureza animal e não da divina. Não obstante, Lobato dá voz à Tia Nastácia durante uma época em que os negros sequer figuravam nas páginas literárias ou se figurassem não tinham voz; eles apareciam como a parcela da sociedade cuja única função era criar, amamentar e servir a família aristocrática. Lobato vai além dos costumes sociais vigentes e coloca todos em pé de igualdade: “– É hora! Avança, macacada! – gritou Pedrinho escorregando pela árvore abaixo.” (p.17) e, afora esse desabafo, registra a tolice dos seres humanos:

- Quem mora em árvores está livre de todos os perigos do chão¹.
- Imbecil! – resmungou a capivara, furiosa de tamanha asneira. – Não é à toa que os macacos se parecem tanto com os homens. Só dizem bobagens. (...)
Que terras? – replicou a capivara. – Não há mais terras habitáveis neste país. Os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a pastagens para bois e vacas. (p.23)

Lobato não permanece alheio às questões sociais bem como às questões de destruição da natureza. Ele aponta caminhos capazes para reverter tal quadro social e político; habilmente o autor conduz seu leitor à reflexão e à tomada de consciência (Bakhtin,1999). É esse o panorama criado pelo autor, cuja função literária é conduzir brancos e negros à reflexão, por isso, constrói a personagem Tia Nastácia consciente de sua cor: “- Tenha paciência – dizia a boa criatura. – Agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá...” (p.71).

Encerrar a obra com a voz de Tia Nastácia seguida de reticências porventura, não é uma chamada à reflexão? Por acaso, o autor não insiste em estabelecer um diálogo com seu leitor? Um diálogo cujo pano de fundo é o panorama brasileiro marcado por diferenças étnicas; pois enquanto no plano real estavam separados e infelizes, no plano ficcional encontravam-se unidos pelas mesmas fraquezas e espertezas. Trata-se, por conseguinte, da nação sonhada por Lobato, capaz de surgir e fortalecer-se em solo brasileiro, pois a nação foi e será formada pelas diversidades étnicas e culturais.

O sonho de Lobato para a nova nação brasileira só é possível se reconhecida sob o olhar de fora, da capacidade de simultaneamente distanciar-se e aproximar-se do bom, do útil e do agradável modo de ser e de crescer num ambiente próspero e solidário. Tanto assim que o autor traz para as páginas de sua narrativa a figura de Cléo:

- Não me conhecem? – tornou a desconhecidazinha com todo o espevitamento. – Pois sou a Cléo...
- Foi uma alegria geral. Não havia ali quem não conhecesse de nome a famosa Cléo, que falava pelo rádio e de vez em quando escrevia cartas a Narizinho dando ideias de novas aventuras.
- Viva, viva a Cléo! – exclamaram todos numa grande alegria.
(...) Moro em São Paulo, uma cidade muito desenxabida, com um viaduto muito feio e gente apressada, passeando pelas ruas. Enjoei da tal São Paulo e vim morar aqui. Fiquem certos de uma coisa: o único lugar interessante que há no Brasil é este sítio de Dona Benta. (p.36-37)

Portanto, é no sítio de Dona Benta que a realidade é posta sob nova perspectiva, ou seja, sob o olhar e a interferência de pessoas marginalizadas, seja pelo papel que exercem as crianças, os brinquedos ou tia Nastácia. Cléo tem razão quando afirma ser o sítio o único lugar interessante no Brasil, pois é neste ambiente da fantasia que Lobato confere às personagens um discurso moderno, atualizado, atento às tendências sociais e políticas de um Brasil novo. De um país que, naquele momento, superava condições coloniais para saltar e evoluir para a nação desejada por

muitos, mas que ainda hoje carece da interferência literária que revela as contradições e que também aponta para a beleza, a criatividade e para o futuro.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. (2010) *Crioulinha ...* Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano. 16 de novembro de 2010.

BAKHTIN, Mikhail (1998) *Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp. Hucitec.

BAKHTIN, Mikhail. (1999) *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec

CADEMARTORI, Ligia. (2010) *O que é literatura infantil*. São Paulo: Editora Brasiliense.

CANDIDO, Antonio et al. (1998) *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva.

KOERNER, Konrad (1987) *On the problem of influence in Linguistic Historiography*. In: AARSLEFF et al., (eds).

KOERNER, Konrad (1996) *Questões que persistem em historiografia linguística*. In: Revista ANPOLL, n.2.

LOBATO, Monteiro. (2009) *As caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Editora Globo SA.

PROJETO MEMÓRIA Monteiro Lobato 1882-1948.

<http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/index.html> Acesso em agosto de 2010 e outubro de 2011.

ⁱ Fala de um dos macacos pendurado numa árvore durante a assembleia dos animais quando se discutia o ataque ao sítio. (p.23)